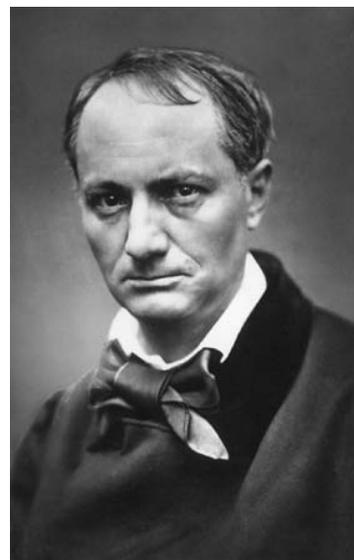


CHARLES BAUDELAIRE E A MODERNIDADE

por Rafael Zacca Fernandes.

O filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940) escreveu importantes trabalhos de história e crítica literária. Viveu os últimos anos de sua vida durante o início da Segunda Guerra Mundial, e cometeu o suicídio aos 48 anos. Em um de seus mais magníficos estudos, um livro incompleto denominado *Passagens*, esteve preocupado em decifrar o período histórico chamado Modernidade, a partir de um estudo de Paris e de diversos literatos. Dedicou-se, principalmente, neste trabalho, a estudar Charles Baudelaire, um poeta parisiense nascido em 1821, morto aos 46 anos. Baudelaire viu surgir o fenômeno das multidões e as reformas parisienses que transformaram a cidade na cidade luz, a “capital do século XIX”.



1 Charles Baudelaire (1821-1867)

O que é a Modernidade? Esta é a pergunta que o trabalho busca ajudar a responder, mas com um adendo: o que é a Modernidade *européia*? O século XIX viu surgir uma série de inovações políticas, econômicas e culturais que modificaram a face deste mundo. Diversas destas inovações aconteceram em países ricos europeus, e posteriormente foram exportadas para o mundo inteiro, sofrendo alterações essenciais, e estudar a Modernidade no seu berço – na Europa, e, neste caso, em Paris – não esclarece de todo o que foi a Modernidade, digamos, no Brasil*.

*A Modernidade e o Brasil

No Rio de Janeiro, existia um mundo da *belle-époque*, que admirava Paris e tinha vergonha do Brasil, principalmente do Brasil pobre e do Brasil negro. Para muitas pessoas, principalmente das classes dominantes, era necessário tornar o Brasil um país belo, e os negros e os pobres deixavam a cidade feia. No Rio de Janeiro, a perseguição contra capoeiras, a luta contra os bicheiros e a destruição de cortiços são exemplos concretos da perseguição a esta parte da população. As idéias que tentavam incentivar a imigração são também frutos desse pensamento. As reformas que Pereira Passos realizou na cidade possuíam inspiração nas reformas parisienses de Haussmann. Apesar disto, um estudo específico sobre o Rio de Janeiro esclareceria melhor a situação da cidade, e não este estudo sobre a Paris do século XIX.

Vamos então nos referir a três novas condições que o século XIX viu surgir: 1) as massas urbanas; 2) a mecanização de diversas esferas da vida social; e 3) o enfraquecimento do prestígio das tradições, ou seja, em diversos espaços e principalmente nas cidades grandes vemos surgir a perda de autoridade das tradições que antes orientavam as práticas sociais. Algumas dessas condições serão tratadas sob a ótica da poesia de Charles Baudelaire,

contribuindo assim para uma aproximação entre História e Literatura.

Começemos pelo poema “A uma passante”, do livro *As Flores do Mal*, do referido poeta. Baudelaire e outros literatos conheceram o surgimento das massas na grande cidade. Este é um fenômeno novo percebido por muitos, não é à toa que este é um dos grandes temas da literatura européia do século XIX, como em Edgar Allan Poe (e seu conto magistral “O homem das multidões”) ou em Victor Hugo (um dos primeiros a dar títulos coletivos a suas obras, como *Os miseráveis*, ou *Os trabalhadores do mar*). No poema “A uma passante” não há uma descrição da massa, mas ele só é possível e visualizável se levarmos em consideração a multidão. A mulher que passa pelo poeta não está sozinha: ela e ele se cruzam na impossibilidade de trocar palavras e possíveis amores, e esta impossibilidade é a massa. Mas a massa não retira do poeta seu objeto de desejo, ao contrário, apenas ela foi capaz de dar-lhe a visão do seu amor que não é apenas à primeira vista, mas à última vista. O desejo que acomete o solitário só é possível porque ele não mais será capaz de ver a mulher que deseja.

A esta época Paris passou por diversas obras de “embelezamento”, por parte de Haussmann (prefeito do departamento do Sena entre 1853 e 1870), que reformou a cidade a mando de Napoleão III. Com pás, enxadas, alavancas, e outros artefatos ainda mais rudimentares, o prefeito ordenou, a partir de 1859, a abertura de avenidas e bulevares que inspiraram diversos outros países, inclusive o Brasil, tanto no Rio de Janeiro como em Porto Alegre. Posteriormente, os métodos de destruição criativa apenas aumentariam, e mesmo bairros inteiros foram destruídos para reformarem o rosto da cidade. As obras respondiam a três

demandas: em primeiro lugar, havia a necessidade de desobstrução para a crescente população urbana de Paris, que mal respirava em meio a ruas estreitas, becos e vielas, sempre sujos e

“A uma passante”, de *Charles Baudelaire*.

A rua em torno era um frenético alarido.
Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,
Uma mulher passou, com sua mão suntuosa
Erguendo e sacudindo a barra do vestido.

Pernas de estátua, era-lhe a imagem nobre e fina.
Qual bizarro basbaque, afoito eu lhe bebia
No olhar, céu lívido onde aflora a ventania,
A doçura que envolve e o prazer que assassina.

Que luz... e a noite após! – Efêmera beldade
Cujos olhos me fazem nascer outra vez,
Não mais hei de te ver senão na eternidade?

Longe daqui! tarde demais! "nunca" talvez!
Pois de ti já me fui, de mim tu já fugiste,
Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste!

Trecho de “As Multidões”, de *Charles Baudelaire*.

“Aquilo que os homens chamam amor é muito pequeno, muito limitado e muito frágil, comparado a essa inefável orgia, a essa sagrada prostituição da alma que se dá inteira, poesia e caridade, ao imprevisto que surge, ao desconhecido que passa.”

escuros, e um tanto perigosos; depois, havia o desejo de embelezamento da cidade, que visava expulsar de seu território tanto o lixo inorgânico como a população potencialmente perigosa, ou seja, elementos das classes subordinadas cuja presença as classes dominantes sempre temeram (e é justamente com esta população perigosa que Baudelaire se identifica, e escreve diversos poemas de identificação com o tipo anti-social); e por último lugar, e como desdobramento do motivo anterior, o “embelezamento estratégico” visava desarticular as barricadas que antes os revolucionários utilizavam para paralisar Paris, além de facilitar o movimento das tropas e das polícias nacionais que desarticulariam movimentos insurgentes.

A Modernidade trouxe também uma série de inovações, ocorridas em meados do século XIX e que têm em comum a disparada de uma série de processos complexos com um simples gesto. A invenção do fósforo, as mudanças ocorridas nos telefones, substituindo a antiga manivela pelo gancho, a câmara fotográfica, e outras invenções submeteram os indivíduos modernos a uma nova forma de experimentar o mundo.

Apertar um botão e disparar um processo, um pequeno instante óptico e tátil basta para alterar a realidade a sua frente. Isto é uma grande novidade para o século. Isto é o que Baudelaire chama de “a violência do choque”. O choque é a nova condição do homem moderno, quando uma série de eventos dispersos e aleatórios ocorre simultaneamente: um homem que se movimenta na multidão e esbarra em diversos indivíduos, está atento aos diversos sinais do semáforo, ao tráfego, é submetido a diversas vivências inusitadas e dispara mecanismos complexos ao alcance do polegar. Quando o poeta passa pela passante no poema citado acima, ele é submetido a mais uma vivência do choque. Não é à toa que os poemas



2As Galerias, ou Passagens, foram inauguradas em Paris no século XIX, e abrigavam um complexo de casas e estabelecimentos comerciais.

de Baudelaire são feitos segundo um princípio de dispersão: ele não visa um leitor atento e contemplativo, ele quer um leitor disperso, capaz de assimilar uma grande quantidade de choques simultâneos (aquilo que o poeta denominou como um “caleidoscópio dotado de consciência”).

As novas técnicas emergentes, a mecanização objetiva do mundo (as máquinas, os mecanismos complexos, etc), permitem um fenômeno novo. Se pensarmos em como viviam os povos ocidentais antes da Modernidade, temos que lembrar de um mundo em que seu todo sagrado latejava: temos de levar em conta a dimensão que o sagrado ocupava nas diversas esferas da vida. Ele estava nos mais simples atos cotidianos dos homens até suas instituições mais abstratas: estava nas camas e nas refeições de trabalhadores, nos tronos dos tiranos, nas praças públicas. Deuses regiam todas as coisas, porque em todas eles viviam. O mundo moderno já não é mais assim. E este é um sentido muito importante para a frase do filósofo Friedrich Nietzsche: “Deus está morto!”.

Também as artes mudaram. Antes ligadas a rituais religiosos ou mágicos, elas agora se emancipam da autoridade da tradição. É disto que se trata quando Baudelaire fala da “perda da auréola” em um de seus poemas em prosa. O eu-lírico é um poeta que perdeu a sua auréola e pode finalmente sentir-se bem entre os mortais, como um de seus iguais. A obra de arte aos poucos perde a sua função de culto, e começa a ter uma função de exposição. Para isso contribuiu tanto a nova percepção do homem na Modernidade, como as técnicas de reprodução que retiraram as obras de arte de seus contextos tradicionais (p. ex., agora já não era preciso assistir a uma missa para visualizar as pinturas que estavam nas igrejas, pois elas estavam fotografadas e expostas nas páginas dos folhetins).

Não se encontrará na poesia de Baudelaire uma descrição de Paris ou da massa. Mas a leitura de seus poemas deve levar em consideração que tanto a cidade quanto as multidões são intrínsecas às suas considerações, como foi constatado na breve análise do soneto “A uma passante”. Ler Baudelaire é também ler, em partes, a Modernidade, já que ela é intrínseca à sua poesia.

Trecho de “A perda da auréola”, de
Charles Baudelaire.

“- Meu caro, você bem conhece meu pavor dos cavalos e das carruagens. Ainda há pouco, quando atravessava a toda a pressa o bulevar, saltitando na lama, através desse caos movediço onde a morte chega a galope por todos os lados a um só tempo, a minha auréola, num movimento precipitado, escorregou-me da cabeça e caiu no lodo do macadame. Não tive coragem de apanhá-la. Julguei menos desagradável perder as minhas insígnias do que ter os ossos reventados. De resto, disse com meus botões, há males que vêm para bem. Agora posso passear incógnito, praticar ações vis, e entregar-me à crápula, como os simples mortais. E aqui estou, igualzinho a você, como está vendo!”

FILMOGRAFIA INDICADA:

Asas do Desejo, de Wim Wenders. O filme traz uma imagem de Berlim no século XX inspirado em temas que Benjamin levanta sobre a Paris do século XIX, como o choque, a massa e a perda da auréola.

Metrópolis, de Fritz Lang. O filme, de 1927, apresenta uma ficção científica situada no século XXI e apresenta leituras sobre o futuro a partir das relações de mecanização e urbanização da vida social.

O retrato de Dorian Gray, de Oliver Parker. O filme é uma releitura do romance homônimo de Oscar Wilde e pode ser útil na imagem que apresenta de Londres do século XIX, a cidade em que Walter Benjamin constata o maior grau de massificação à época, além da imagem do artista homem dividido entre o sagrado e o profano.

Tempos Modernos, de Charles Chaplin. Apesar de tratar do século XX, o filme fala de um fenômeno essencial para se compreender a modernidade: a mecanização do trabalho.

BIBLIOGRAFIA:

BAUDELAIRE, Charles. *Poesia e Prosa*. Volume Único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I*. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Obras Escolhidas III*. Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. 1ª Ed. São Paulo: Brasiliense. 1989.

_____. *Passagens*. São Paulo: IMESP, 2006.

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade: Visões Literárias do Urbano*. Porto Alegre : Ed. UFRGS. 1999.